



Director literario:

Alcides Campinho
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Ida de Solla
PAPUSSE

História do Príncipe Quebra-Tudo

Por Manuel Calvet Magalhães
Desenhos de TIOTÔNIO



ERA uma vez um príncipe muito lindo, de modos agradáveis e de porte distinto. Todos gostavam d'êlé no palácio do rei seu tio. Vinham-no mesmo visitar a miude, mas ninguém o convidava para casa.

O nooso príncipe tinha um defeito terrível; era de mexer em tudo e quebrar tudo em que mexia.

Não sabia mexer em armas, não sabia dansar, cantava como um desalmado, e, quando se tratava de tomar uma chávena de chá, de pegar num copo ou num prato, podia-se apostar dobrada quantia, que êle quebrava o objecto mal lhe tocasse.

Este defeito, valeu-lhe a alcunha de «Quebra-tudo», que lhe ficou como um título.

Consultavam-se todos os adivinhos do reino para descobrir os meios de curar êste defeito desastroso, que impedia de se conservarem intactos os mais ricos aparelhos de louça.

Os adivinhos nada conseguiram d'êlé. Os bruxos, os feiticeiros, as deitadoras de cartas também perdiam o seu tempo.

O rei ordenou que se oferecesse uma recompensa a quem lhe dissesse qual a origem da infelicidade de seu sobrinho e o modo de a conjurar.

Entretanto, o príncipe continuava a partir e a fazer em cacos toda a porcelana, mais ou menos dourada, do seu real tio, o que o tornava tão infeliz, que resolveu não comer mais, senão em pratos de prata. Mas, a vista do metal, tirou-lhe, imediatamente, o seu bom apetite, que só lhe voltou quando tornou a servir-se de pratos de louça.

No reino não se falava noutra coisa e todos perguntavam o que seria êsse mistério.

O príncipe continuava a partir, e a fazer em cacos, toda a porcelana do seu real tio.

Ao mesmo tempo que isto sucedia, «Quebra-tudo» tornava-se perdidamente enamorado de sua prima, a princesa Rosalina, que acabou por lhe corresponder, com o mesmo afêto, mas que, em breve, se tornou tão impaciente com o defeito do seu noivo, que jurou logo ali, sobre as cinzas dos seus antepassados, — um juramento terrível naquele país — de não casar com êle enquanto o não visse, durante vinte e quatro horas consecutivas, sem partir coisa alguma.

«Quebra-tudo» julgava que ia casar-se no dia seguinte, mas viu logo que a coisa não era tão fácil como pensava.

O infeliz príncipe, não obstante todos os esforços contrários, continuava a partir e a fazer em cacos tudo que lhe caía debaixo das mãos.

(Continua na 4.ª página)



A LENDA DOS GAFANHOTOS

POR ABEL PEREIRA DA SILVA
;; DESENHOS DE TIOTÓNIO ;;

SEGUNDO esta lenda, como vão vêr, este terrível insecto é obra do diabo.

Tinha Dens acabado a sua obra prima, o homem, quando Satanaz, erguendo os ombros, em sinal de pouco caso, declarou que faria coisa melhor. O Criador aceitou o desafio.

— Vá lá, dou-te o poder de animares com o sôpro de vida o sêr que criares. Percorre o Universo e volta daqui a um século.

Metendo-se imediatamente ao trabalho para fabricar um sêr, Satanaz toma a cabeça do cavalo, os olhos do elefante, as pontas do antilope, o peçoço do touro, e o pêlo do leão...

— Que falta mais? pergunta a si mesmo Satanaz, prosseguindo na sua investigação pelo mundo.

Toma à avestruz as pernas finas e ao escorpião o ventre...

— A minha criatura, continuou o diabo, será condenada a rojar-se pelo chão? Não! Quero que tenha ásas.

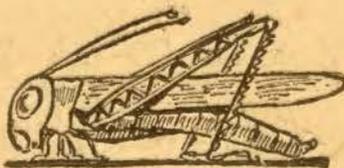
Por muito tempo, no fim dos infernos, Satanaz desenvolve toda a sua sciência para reunir todos estes pedaços de animais. Uns, são demasiado grandes; outros, excessivamente pequenos. Lima, serra, corta, cola, ajusta, prende e trabalha tão bem, que ao cabo de um século tem nas mãos um animal pequeno mas terrível. Sopra nêle e dá-lhe vida.

— E então? diz-lhe o criador.

— Aqui está o que a minha arte criou, respondeu-lhe o diabo.

— E' pois, esta a obra do teu engenho? Pois bem! Em testemunho da tua fraqueza e da tua malvadez, pulule este animal por sobre a terra.

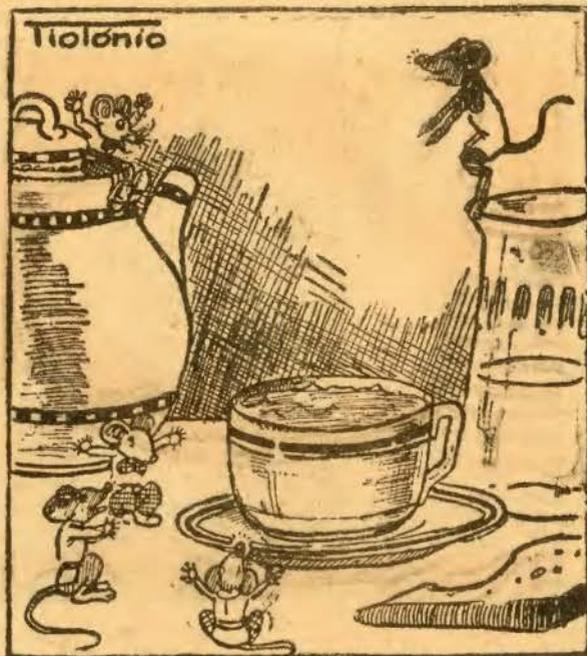
E como com certeza sabem, este insecto não vóa, pulula diabolicamente. Mas se um dia apanharem algum, examinem-no à vontade, porque apesar de ser obra do diabo não faz mal a ninguém, e vejam se êle não resume no seu pequeno sêr alguns monstros da terra.



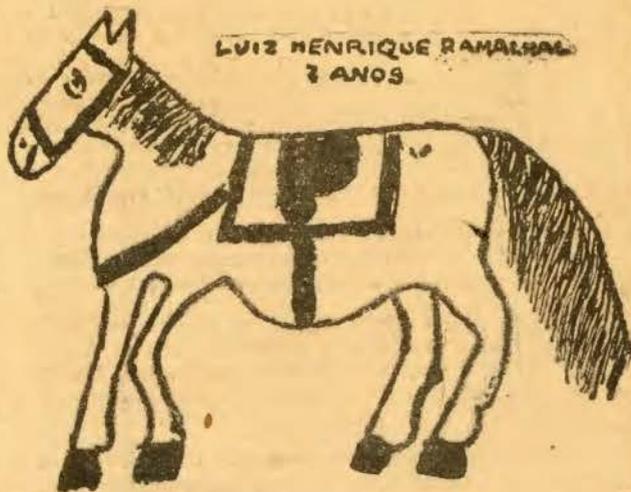
Observação: — A poesia infantil publicada no nosso número 114 é intitulada: «Romance de El-Rei Meudo», e da autoria do poeta Jorge Ramos e não de José Ramos, como por lapso saiu.

No Coliseu das Ratas

«Miss Ratazana» prepara-se para dar um admiravel salto de 20 centimetros de altura. SENSACIONAL!!!



DESENHOS INFANTIS



JOAQUIM ABREU - 11 ANOS





História do Príncipe Quebra-Tudo

(Continuado da 1.ª página)

Já estava resolvido a meter-se numa camisa de forças, quando o tio lhe participou que um feiticeiro chamado Amuleto lhe tinha solicitado uma audiência, declarando-se habilitado a desvendar o mistério e a merecer a recompensa anunciada pelo rei.

Veiu, efectivamente, Amuleto, à presença do rei e do príncipe, e, para lhes provar o seu poder oculto, cortou, à frente déles, a cabeça a um laçao e a de um cão preto, que havia no paço, e, em seguida, colou a cabeça do laçao ao corpo do cão e a dêste no corpo do laçao, tendo ambos deitado a correr, com grande regosijo do príncipe e do rei seu tio.

Feito isto, Amuleto sacou da algibeira um velho engrimanco e declarou ao rei que, em virtude das suas pesquisas, descobrira a origem das atribulações quebradiças do príncipe.

A mãe de «Quebra-tudo» contou ao mágico, que tinha quebrado, em um momento de excitação, a terrina de uma velha que lhe costumava deitar as cartas, e, esta, furiosa, deitara uma sorte sobre a criança, que era pequenina.

O livro do Destino, consultado por Amuleto, declarava que:—«Os infortúnios do príncipe só acabariam quando morresse a pessoa que fez a sua infelicidade, e que ninguém a poderia matar. Que se teria de esperar que ela morresse.»

Sem dúvida que a infelicidade de «Quebra-tudo» provinha da ameaça da deitadora de cartas.

Apesar de toda a sua boa vontade, a princesa podia crer que êle colocaria a sua ventura na louça. Ninguém, melhor do que êle, sabia quanto a porcelana é fragil, e não queria, decerto, êle, que o mesmo succedesse com a sua ventura.

Depois de terem largamente meditado, rei e príncipe interrogaram Amuleto, que os mirava, sorrindo, da sua hesitação.

O feiticeiro pediu para ficar sôzinho com o príncipe.

E' inútil dizer que êste pedido foi imediatamente atendido. Reconduzindo até à porta o rei seu tio, o príncipe encontrou enejo de quebrar uma magnifica jarra de porcelana da Vista Alegre.

Uma vez sós, «Quebra-tudo» pediu ao feiticeiro que lhe desse os meios de casar-se imediatamente com a princesa Rosalina.

Amuleto respondeu-lhe que tinha vindo ao palácio com essa intenção, e, para que isso succedesse, tinha composto um talismã maravilhoso.

Então, sacou debaixo da sua túnica, uma pequena rosa de fogo que só tinha vinte e quatro folhas, explicando ao príncipe, que cada pétala tinha o dom de satisfazer um desejo manifestado pelo possuidor.

O namorado príncipe, pediu com empenho ao feiticeiro, que lhe dissesse quanto queria pelo talisman, mas êste re-

torquiu-lhe que apenas o prazer de ser-lhe útil lhe bastava.

Então, «Quebra-tudo» avançou a mão para se apoderar da flor encantada, mas o feiticeiro susteve-lhe o movimento.

—Reflita apenas um instante,—disse êle,—no que vai fazer, alteza! Se lhe dou o talisman, êle obedecer-lhe-há, mas vossa alteza será obrigado a sofrer todas as consequências dos seus desejos.

—Isso é natural,—respondeu o príncipe;—vamos, meu caro feiticeiro, dá cá a tua rosa mágica, e podes contar com a minha gratidão.

O feiticeiro entregou-lhe o talisman, pronunciando algumas palavras.

Um clarão vermelho brotou ao mesmo tempo da rosa de fogo. O ajuste estava fechado.

Amuleto desapareceu e «Quebra-tudo» ficou sôzinho com a sua flor mágica.

Cada anelo que vou formar, dizia êle consigo, é uma folha de menos na rosa. Ela tem vinte e quatro folhas, logo, eu sou rico em poder, que vou desejar?... Tenho dinheiro! Disem que tenho espirito, uma figura agradável e o poder irresistível que dá o nascimento... não preciso desejar nada do que possuo... Que vou, portanto, desejar?... Há muito que queria oferecer a Rosalina um colar de diamantes como não possui nenhuma princesa da terra.

De repente, sem que «Quebra-tudo» tivesse necessidade de arrancar uma folha da rosa, caiu uma pétala, e êle viu, sobre uma mesa, um colar de diamantes tão brilhante, que o seu brilho seria capaz de iluminar uma casa imersa na escuridão.

—Bravo exclamou o príncipe, o meu talisman é realmente maravilhoso! Que pena que estes diamantes não estejam num rico estojo, em vez de estarem sobre a mesa.

Vouu uma folha, e os diamantes scintilaram em um estojo magnifico.

—Que alegria vai ter a minha Rosalina, continuava o príncipe, e como desejaria ter aqui um palanquim, sustentado por escravos negros, para lhe levar este colar!

Vouu uma terceira folha. O palanquim e os escravos negros apareceram. Mas que palanquim medonho! e os escravos tão velhos e feios!

Quebra-Tudo desejou que o palanquim fosse magnifico e os escravos soberbos. E uma quarta folha desapareceu, sendo o seu desejo satisfeito.

O cortejo desfilou e dirigiu-se triunfalmente ao palacio de Rosalina.

—Eu poderia ter desejado isso duma só vez, pensou o príncipe. Procuremos ser economicos, e não percamos as folhas em pedidos fúteis. Eu gosto muito de Rosalina e creio que



ela também gosta muito de mim, mas desejemos que ela me queira para toda vida!

Desapareceu uma folha.

— Desejemos que ela me seja fiel! que nunca o ciúme lhe entre no coração! que ela aborreça os mexericos e linguarices. Que ela goste muito dos filhos! porque eu quero uma vez casado, ter uma rapariga e um rapaz! não! dois rapazes e duas raparigas!... não! três rapazes e duas raparigas! não finalmente um único rapaz e uma única filha.

Isso é mais lindo! A menos no entanto que...

O distraído quebra tudo parou de repente. Verificou que a rosa diminuía sensivelmente de folhas, tinha formado oito anéis sem tomar cuidado, já lhe faltavam só treze folhas no talisman.

O príncipe, descontente consigo mesmo, teve um gesto de despeito e bateu com a mão em um luxuoso candieiro bordado a ouro.

— Diabo levem este candieiro! exclamou ele.

Provavelmente os diabos obedeceram-lhe, pois, o candieiro desapareceu pelo soalho abaixo.

Era um presente oferecido a seu tio por um imperador vizinho.

Quebra-Tudo desejou que ele voltasse ao seu lugar. Ao reaparecer foi de encontro a um soberbo espelho que ficou feito em estilhaços.

O príncipe quiz que o espelho retomasse a sua primeira forma. E viu com satisfação que o seu desejo se cumpria mas isso custou-lhe ainda uma folha.

A rosa encontrava-se reduzida a oito pétalas.

Tratava-se agora de não gastar mais inutilmente um poder feiticcio. Quebra-Tudo estava amedrontado com a facilidade com que a sua rosa de fogo lhe obedecia.

— Tratemos de não pedir nada, disse ele com espanto. Já gastei quasi todo o meu poder.

— Ai! meu Deus! olha se eu fosse desejar coisas visíveis O nervoso com que estou, faz-me tremer. Eu não quero tremer. Eu não quero tremer mais.

Quebra-Tudo não temeu mais. — Quero rir! — Poz-se a rir — Quero comer e beber para me distrair! — Uma riquíssima mesa apareceu, de subito, cheia de vinhos, licores, doces, frutas, etc. Faltavam mais treze folhas á flor encantada. O príncipe enxugou o suor que lhe escorria da testa.

Provou a comida que tinha pedido. Achou-a detestavel. Não abstante a sua vontade, desejou que ela fosse melhor. O seu desejo cumpriu-se.

Comeu, e estando com sede, desejou mentalmente beber. O copo apareceu-lhe instantaneamente cheio.

De repente, apoderou-se d'ele uma furia, vendo que o minimo dos seus desejos os mais íntimos, lhe levavam uma folha do seu talisman.

— Que a bebida vá para o diabo! exclamou ele, com toda a força dos seus pulmões.

— A bebida desapareceu.

— Que vão também para o diabo, estes alimentos tentadores! E a comida sumiu-se.

Ficou a louça. A cólera do príncipe tornou-se ainda maior á vista daquilo que era a origem de todas as suas desventuras.

Empurrou violentamente a mesa, e toda a louça ficou reduzida a cacos. A cólera de Quebra-Tudo acalmou-se. Passou-lhe um sentimento de piedade.

— Pobres pratos, disse ele ao olhar para os cacos da porcelana, semeados aqui e acolá pelo chão, são bem digno de lástima. Se como nós vós tendes o sentimento da alegria e da dôr, deveis amaldiçoar-me. Há muito tempo que eu os incomodo e que os torturo. Oh! eu sou um monstro! A minha cólera bem merece ser castigada. Para melhor sentir a extensão do vosso mal, eu queria ser' como vós, uma porcelana frágil!...

Apenas esta frase imprudente foi pronunciada pelo príncipe Quebra-Tudo, este viu-se transformado em prato de porcelana.

Avaliem a sua desgraça! Acabava de fazer uso da sua ultima folha, sem ter tomado nota. Não tinha de futuro mais o recurso do seu talisma, para tomar a sua forma natural. Estava para sempre transformado em um vulgar prato de porcelana. Na ocasião em que se operou esta transformação, Amuleto apareceu diante de Quebra-Tudo tornado prato e disse-lhe:

— Estúpido príncipe! aprende finalmente a conhecer-me. Eu sou Amuleto, marido da velha que tua mãe insultou noutro tempo. Tenho um filho. A sorte não quer que ele tenha alegria e ventura enquanto tu não sofras.

— Eu deite a rosa de fogo para aumentar a tua agonia. A felicidade de meu filho antes de mais nada!

— Quem é o teu filho? perguntou Quebra-Tudo ainda mais pálido de que o seu estado de porcelana lhe dava direito.

— O meu filho? respondeu o feiticcio, é Gravativo, o vampiro! Se ele quizer viver eternamente, é necessario que de cinco em cinco anos, beba o sangue de uma menina viva. Vais-me responder que raparigas não faltam, mas nas condições exigidas são raras. E' necessario que a criatura de que se trata tenha dezoito anos; goste muito de ti mas que não tenha recebido um unico beijo. Rosalina está justamente nesse caso. Tem dezoito anos, gosta muito de ti e nunca te deu um beijo. Enquanto tu fôres de porcelana, o meu filho tomará o teu lugar e matará a princesa sem que ela desconfie de nada.

— Pois quê Rosalina está perdida e eu sem a poder defender! exclamou o príncipe, procurando arrancar os cabelos! não se lembrando que os cabelos só raramente aparecem nos pratos, cujo principal mérito é serem completamente carecas.

— Consola-te, replicou Amuleto, tu não casarás com ela, embora ela seja tua prima. Um decreto do livro do destino que eu conheço declara que:

«A princesa Rosalina só casará com Quebra-Tudo, quando morrer Amuleto, a mulher e o filho Gravativo».

— Este homem tem a mania das charadas! disse a príncipe-prato sentindo um arrípió numa fálha da porcelana, E ia dirigir algumas supplicas comoventes a Amuleto, quando, sob o império mágico do feiticeiro, se viu transportado para a cosinha do palacio e colocado numa prateleira de louça.

Quebra-Tudo lançava um olhar curioso sobre tudo que o rodeava nunca havia entrado na cosinha do rei seu tio e muito o surpreendeu a ordem e o acio que nela havia.

Poz-se a lamentar a sua triste sorte na linguagem dos deuses. Em menos de uma hora, falara tanto, que podia publicar vinte volumes de quinhentas folhas, sem exagero, com tais expressões. Jurou logo ali, a si mesmo, publicar um livro se tivesse a sorte de voltar à forma humana, sob o titulo de:

«Pensamentos poéticos dum prato chato».

Quando terminava o seu último discurso ouviu uma gargalhada majestosa que se espalhou ruidosamente na cosinha, e viu toda a louça do palacio a rir-se na cara dele.

Um gato soberbo agitava-se no fundo de uma saladeira e fazia-lhe caretas; dois bonecos pintados no fundo de uma manteigueira faziam-lhe negaças com a mão espalmada no nariz; uma cafeteira de bico comprido cuspiam-lhe para cima, uma enorme terrina, com as mãos nas ancas, troçava-o; um bule mostrava-lhe os punhos cerrados; uma lamparina de noite arregalava-lhe os olhos de fogo, tudo isto com o barulho dos pratos seus companheiros que rolavam perdidos de riso.

De repente fez-se silencio; um prato largo acabava de pedir a palavra.

Era um prato com frisos dourados, os seus ornatos finalmente coloridos e o braço real pintado no fundo, que ele ostentava com orgulho! era o rei dos pratos.

Não posso dar-lhes nem uma palavra do empolgante discurso que ele pronunciou acusando Quebra-Tudo, seu prisioneiro, do modo indigno com que sempre usara para com a gente louceira!

O príncipe ficou tão comovido que nada respondeu e chorou; e tantas lágrimas deitou que encheu uma tigela da India que morava na prateleira de baixo.

O rei dos pratos convidou-o, então, a contar as suas desventuras, e Quebra-Tudo recitou de uma só vez os vinte volumes de quinhentas folhas que fizera. O rei dos pratos compreendeu o desgosto desse pobre namorado, cuja noiva se ia tornar presa de um monstruoso vampiro.

Se Quebra-tudo tinha sido sempre brutal com a louça, outro tanto não acontecia com Rosalina que todos os dias limpava, com extremo cuidado, as lindas porcelanas do seu tocador. O rei dos pratos pediu por isso, aos seus ministros para usar do seu poder a favor do prisioneiro. O ministério, composto de dois velhos jarrões e de um tacho reuniu logo a seguir e autorizou o soberano a usar de todos os poderes.

Vejamos em que consistia esse poder real.

O rei podia dar ao príncipe, apenas por meia hora, a forma humana condição de que, passado esse tempo, tornaria a ser louça.

Devem calcular com que alegria Quebra-Tudo acolheu semelhante oferta.

Voltou a ser homem Quebra-Tudo, mas quando quiz abraçar o rei dos pratos viu que ele não tinha pescoço, e lastimou que ele não fosse ao menos garrafa.

A primeira pessoa que encontrou, foi Rosalina. Contou-lhe a sua sorte e o desgosto que experimentava de ter que ir viver empilhado com os outros pratos.

— A esta nova inesperada, a princesa caiu-lhe nos braços desvanecida.

Em vão Quebra-Tudo lhe deu a respirar saís, em vão lhe molhou a testa com água fria; Rosalina não mexia mais do que um frade de pedra.

A meia hora fatal avizinhou-se; Quebra-Tudo desesperado não podia dizer-lhe para desconfiar do seu sosia, e por isso contentou-se em escrever-lhe num papel: «Desconfia de mim...»

Não pôde terminar, a hora soou. A princesa voltou a si e apenas viu junto dela uma molheira pequenina, que era a nova forma do seu infornado noivo.

Com que cuidados ela pegou nessa molheira! Nunca houve molheira alguma que fosse tão coberta de beijos! Os cortezaos interrogavam-se baixinho: «?Que mólho será aquele de que a nossa princesa gosta tanto?»

Ao cabo de uma hora a molheira escapou-se das delicadas mãos da pobre namorada. Chegou o momento de uma nova metamorfose para Quebra-Tudo. E assim viu-se ele mudado em Jarra do Japão e colocado na ante-câmara dos cortesão do seu tio.

E o que ele ouviu! Conversavam todos os grandes do reino e falavam dos seus defeitos. Era a primeira vez que o Príncipe ouvia outra cousa que não fôsse elogios sobre a sua pessoa. E jurou de aproveitar a lição e corrigir os proprios erros.

Quando se está atento a uma conversa, uma hora passa depressa. Caiu a noite.

No meio de uma narrativa curiosa, Quebra-Tudo deixou de ser Jarra Japonesa e sentiu-se preso em um movel onde era tudo trevas.

Que triste situação! ser qualquer coisa, e não saber o que é, nem onde se está!

Aqui está a sorte a que estava destinado o príncipe de hora a hora, e durante um espaço de tempo que se ignorava.

No entanto, à força de se apalpar para verificar que forma e que contornos tinha, Quebra-Tudo acabou por estremecer com uma suspeita penosa.

Pouco a pouco, os olhos afizeram-se à escuridão e inspeccionando as paredes do seu cárcere, elas disseram-lhe que as suas suspeitas eram fundadas.

O príncipe habitava uma banquinha de cabeceira e era «doutor» de uma asa só...

«Compreendem o seu receio? Quem dormiria no quarto onde a implacável sorte o colocara? Talvez um estúpido cavalariço, ou cocheiro bêbedo ou algum bicho de cozinha.

Quebra-Tudo estava como apalermado. Foi então que ele compreendeu o horror da sua situação.

Felizmente que ninguém o veio perturbar no reducto onde fôra lançado.

A hora passou lentamente, e por fim o príncipe sentiu com alegria que mudava a banquinha de cabeceira por um outro local mais conveniente.

Tinham-no mudado em travessa e via-se encostado á parede ao lado de outras peças de louça e por detraz de uma pilha de pratos. Era uma travessa grande, daquelas de desasseis polegadas, onde se podia colocar um cabrito assado. Circundou o olhar pelo local onde se via agora. Era uma das dependencias da copa que communicava com os aposentos da princesa. Colocavam ali a louça depois de servida, esperando a vez de ser transportada para a cosinha.

Quebra-Tudo sentiu-se agradavelmente impressionado, ao ver-se tão perto da sua noiva, e mais ainda quando reconheceu a sua voz na casa de jantar contigua.

A princesa falava e ria descuridamente e isso contrariava-o. Mas o seu desespero aumentou quando reconheceu a sua própria voz na pessoa com quem falava a princesa. A conversação que ouvia tirava-lhe todas as duvidas. Rosalina julgara conversar com Quebra-Tudo e era Gravativo o vampiro que tomara a sua figura, como jurara o feiticeiro Amuleto, seu pai.

A porta da copa estava aberta e Quebra-Tudo, inclinando-se um pouco, conseguia ver a princesa que acabava de jantar, graças a um espelho que lhe reflectia as imagens. Ao lado dela, via-se um ser com os vestidos, a figura, as maneiras, o som da voz e os hábitos de Quebra-Tudo; só o olhar tinha uma dureza e uma fixidez que deixava ver que pertencia a um vampiro.

— Como me sinto feliz por te tornar a ver, dizia Rosalina áquele que julgava ser o seu noivo, mas conta-me outra vez como conseguiste a mercê de deixar de ser porcelana?

O falso príncipe respondeu:—O rei dos pratos interveiu a meu favor, junto da soberana das fadas, e voltei a ser o que era ontem, isto é homem e teu noivo dedicado.

— Dize-me o que eram estas palavras que escrevestes neste papel antes de te transformares em molheira.

Gravativo leu: «Desconfia de mim...» Reflectiu um momento e disse:—Nada mais fácil de explicar; eu ia tornar-me porcelana, e pedia-te para tomares cautela; não queria ser partido por ti eu que tinha quebrado tantos.

(Continúa na 8.^a página)



Desenho Infantil -

por TIOTÓNIO

1.º Concurso de Desenho Infantil

ESCLARECIMENTOS

Começam aparecendo os concorrentes, mas como alguns têm dúvidas, esforçar-nos-hemos por esclarecer todos os que queiram tomar parte:

1.º — Não é forçoso incluir a mesa (o *movel*), nos trabalhos que a apresentem posta com loiça ou outro fim à escolha.

Todos os trabalhos recebidos no género apresentam uma pobreza tão grande que nem sequer têm guardanapos!

2.º — Não se deverão copiar os modelos publicados nos números anteriores.

Esses modelos servem de norma para a execução de outros objectos que tenham em casa.

3.º — Os trabalhos deverão ter o tamanho aproximado de 20 X 15 centímetros, a tinta da China num traço firme e forte.

4.º — O retrato pode deixar de vir já. Contudo se o tiverem...

TIOTÓNIO

CORRESPONDENCIA

Antonio Gonçalves da Silva — Um cavalo a dançar o «charleston», não faz parte do nosso concurso. Não achas?

Joaquim Pina da Silva — Estás muito a tempo de concorrer. Um abraço e cá fico esperando coisas bonitas.

Genoveva do Canto Goulart — A medida aproximada é 20 X 15 centímetros. Fico à espera de uns trabalhos que me deixem de boca aberta!!! Valeu?

Manuel Joaquim Batista — Recebi a dúzia de abraços de um «sobrinho» autêntico que já ficas sendo.

Mánuel Gomes Azevedo — Não se copiam os modelos dos números anteriores.

Como já disse, servem apenas de norma, para a reprodução do natural.

Vitor Peres — Não copies! Põe à tua frente toda a loiça lá de casa e desenha-a no papel.

E' só isso que eu quero, o que em verdade não é quasi nada.

Os foguetes que deitaste pela aparição do concurso, chegaram... apagados.

Veva e Mica — Os desenhos eram interessantes, se não fossem feitos por outra pessoa e cobertos a tinta.

Assim não vale...

Luiz Simões Lemos — Muita cópia meu marôto. Habilidade não te falta.

José Joaquim Lourenço — Têm dois defeitos os teus dezenhos. Veem a lápis e não são originais.

Constantino Rodrigues, Francisco C. Bernardino, Maria das Dóres Pereira, António Correia Braga, Emília Leal Gravate, Jaime da Silva Nascimento, José Abrantes Gonçalves, Pedro Leal, Armando C. Pereira Nina, Manuel Fonseca, Antonio L. Pereira Leite — Não são publicáveis os desenhos destes artistas por virem feitos a lápis.

Fernanda C. Teixeira — Não são originais e por isso...

Miguel Pedro Iglezias — Já cá está o cavalinho com cabeça de alfinete.

Raul Ascensão Freire — Os dezenhos feitos à régua têm sempre um aspecto muito duro. O teu castelo está uma perfeição, mas não serve. Faz outras coisas.

João Adalino Pena — Se não fosse o receio de errar, juraria que a tua hespanhola é copiada. Faz coisas mais fáceis e principalmente não copies nem à vista.

Estamos entendidos?

Francisco Taborda — O mesmo defeito no teu «Pastor». Já o teu irmão Americo segue outro sistema.

Joaquim Filipe — Podes dar o remédio que dizes, às capas do Pim-Pam-Pum. Veremos a história.

Alda Vitorina Santos — O dezenho de sua mana é muito interessante.

Não me recordo de ter recebido o seu conto.

Antonio Joaquim Batista — Já não és o primeiro a pedir uma espingarda de matar pássaros, ao que eu não acedo pelas seguintes razões:

1.º — Não é próprio de um bom coração, matar os passaritos, que não te fazem mal nenhum.

2.º — A espingarda de matar pássaros também lhes poderia tirar um olho, o que não é razoável.

Não concordas?

Afonso Magalhães D. Gama — Já recebi um aspecto da revolução do Porto. Está esplendido!

João José Dóres Pinto — Traço mais firme e sem côres. Estão já muito bem feitos! Um abraço.

Antonio Lobo — Quem atende pedidos de jornais é a «Administração d'O Seculo». Será conveniente que faças o pedido de uma maneira mais delicada.

Antonio Vasco Faria — Os dezenhos são copiados.

Bernardo Thiago Faria — A história de V. Ex.^a lembra muito vagamente uma outra de uma formiga, que também ficou «com um pé preso na neve e que pedia ao sol que a derretesse, etc., etc.».

O jornalsinho passa por tantas mãos que infalivelmente, muitos leitores a conheciam.

José da Silva — Estuda, meu caro «sobrinho» e quando fôres mais crescidote, farás contos admiráveis. Por enquanto está muito verde...

Rua do Seculo, 43 — Lisboa

TIOTONIO

ANECDOTA



— Então vieste da Rússia. Muito frio por lá?

— Não imaginas! Até para lavarmos as mãos, tínhamos que calçar as luvas!...

LILI FERRERA

História do Príncipe Quebra-Tudo

(Continuado da página 6)

Quando terminava estas palavras, Gravativo leu na parede, escrito em caracteres de sangue, só visíveis por ele, este aviso que enviava o pai:

«Quebra-Tudo», transformado em porcelana, está aqui; parte toda a louça, que é o meio de te vêres livre dele.»

—Que tens tu? exclamou Rosalina ao ver empalidecer o monstro.

—Nada minha filha! retorquiu o vampiro, e, dando um encontrão na mesa, fez em cacos tudo quanto nela estava.

—Ai meu Deus! que falta de cuidado! disse a princesa. Já te esquecestes que jurei não te pertencer senão quando tiveres um dia inteiro sem quebrar nada?

—Lastima-me, respondeu Gravativo, pois bem sabes que isto é superior á minha vontade.

Uma nova inscrição sangrenta apareceu na parede, contendo apenas esta palavra:

«Continua».

Um novo encontrão do inimigo de Quebra-Tudo no aparrador reduziu a cacos todas as finas porcelanas que nêle estavam; novas queixas de Rosalina e novo aviso de Amuleto ordenando que prosseguisse na destruição.

Durante três quartos de hora, se repetiu a mesma scena. A conversa continuava um momento entre a princesa e o falso príncipe, e logo a nova caída de uma porção de louça a interrompia.

Dez vezes seguidas, Amuleto instigara o filho com o seu fatídico:

«Continua».

Dez vezes Rosalina chorou a espantosa desgraça de seu noivo.

Entretanto, Amuleto instigava o filho com o seu terrível aviso:

«Continua».

Um novo encontrão do inimigo de Quebra-Tudo fez cair um armário cheio de louça, e Amuleto continuava a instigar o filho com o terrível aviso.

Quebra-Tudo chorava como uma criança, mas a sua noiva não podia ouvir, e isso atormentava o príncipe.

Contudo ele estava em segurança porque Gravativo não o podia quebrar, por o terem mudado para uma prateleira muito alta.

Passado tempo, Quebra-Tudo foi levado por uma criada, pois era preciso uma travessa para servir um peru aos cortezãos.

Depois de servido o peru, Quebra-Tudo foi colocado no mesmo sitio onde tinha estado há três dias junto ao rei dos pratos.

Quebra-Tudo perguntou ao rei dos pratos se lhe podia dar a meia hora para voltar a forma humana, o rei dos pratos disse-lhe que ele tinha hora e meia, porque tinha pas-



sado três dias sem que o príncipe se tivesse servido da meia hora.

Quebra-Tudo quiz abraçar o rei dos pratos mas viu com desgosto seu que ele não tinha pescoço, e por isso contentou-se em curvar-se diante dêle.

Sem perder tempo, Quebra-Tudo dirigiu-se ao primeiro feiticeiro que encontrou e deu-lhe um saco cheio de libras, para ele entreter Amuleto, enquanto ele ia arranjar uns soldados para prenderem Gravativo.

Tudo correu da melhor maneira. Gravativo foi preso e enforcado, Amuleto e a mulher foram presos enquanto os outros feiticeiros o entretinham. Amuleto suicidou-se e a mulher conseguiu fugir mas ficou transformada em vibora por um dos feiticeiros que a viu fugir e a perseguiu.

Quebra-Tudo nunca mais partiu louça e por isso casou com Rosalina, e hoje vivem muito felizes, depois de Quebra-Tudo contar as suas aventuras a Rosalina.

F I M

